

Pra onde eu vou? Vou pro sarau! - análise da produção literária em uma escola pública na Zona Leste de São Paulo. Um estudo do coletivo Os Mesquiteiros

Pesquisa em Andamento

GT: 22 Sociología de la infancia y juventud

Jéssica Ferreira Rodrigues

RESUMO:

A pesquisa aqui apresentada busca evidenciar as ligações existentes entre a produção literária na periferia e a vida dos jovens residentes na Zona Leste da cidade de São Paulo, Brasil. Tomo como hipótese que a chamada literatura Periférica/ Marginal, movimento literário que tem se destacado nas periferias paulistanas nos últimos 13 anos, revela aspectos importantes das experiências locais e da constituição dos bairros periféricos.

Palavras chave: periferia, Literatura, juventude

INTRODUÇÃO:

O interesse pelas expressões culturais advindas das regiões periféricas surgiu em meados de 2010. Foi afim de realizar meu trabalho de conclusão de curso que elaborei a pesquisa *Hip Hop Mulher: as mulheres e suas representações sociais no movimento hip hop*. Neste trabalho busquei analisar as mulheres no movimento hip hop a partir do estudo da Associação Cultural Hip Hop Mulher. A partir dessa investigação inicial tive contato com as expressões culturais identificadas com a periferia da cidade de São Paulo. Foi também através da busca de conhecimento motivada a entender as especificidades do hip hop que entrei em contato com uma série de saraus e escritores existentes nas periferias na cidade de São Paulo.

Os saraus, escritores e poetas não eram um movimento isolado e sim algo integrado e compromissado com o movimento hip hop. Isso porque como uma expressão cultural já consolidada e identificada com os moradores das regiões mais pobres da cidade podemos perceber que o hip hop serviu como um suporte para o estabelecimento de um movimento literário nas regiões. Esta característica pode ser vista nos diversos saraus presentes em várias regiões da cidade que além de shows e ações ligadas ao hip hop trouxeram a luz uma série de poetas, autores e leitores que estão presentes na periferia.

A ligação entre o movimento hip hop e a produção literária na periferia também se confirma através de depoimentos e entrevistas com pessoas ligadas aos dois movimentos. Ao realizar uma das entrevistas necessárias para pesquisa da monografia uma das minhas interlocutoras, Jéssica Balbino¹, associou esta expressão literária como sendo um 5º elemento do movimento hip hop. O escritor, ativista

1

Jéssica Balbino é jornalista e apesar de morar em Poços de Caldas, Minas Gerais, é uma presença importante dentro do contexto cultural na periferia de São Paulo. Entrei primeiramente em contato com ela por ser um membro da Associação Cultural Hip Hop Mulher ao passo que ao longo do processo de construção da pesquisa descobri que sua ação não se limitava somente ao Hip Hop Mulher, mas também a toda a rede de produção artística das periferias de São Paulo.

e repórter Alessandro Buzo² em declaração ao programa "Encontro com Fátima Bernardes"³ fez uma declaração em que também identificava a Literatura como sendo o 5º elemento o que definiu como sendo a produção de conhecimento do hip hop. A Pesquisadora Érica Peçanha em seu livro *Vozes Marginais na Literatura* também aponta essa ligação:

Dessa maneira, originados e atuantes do mesmo espaço social, e utilizando-se de uma manifestação artística para expressar as mazelas sociais relacionadas a uma idéia comum de periferia, os escritores abordados compartilham com os hip hoppers/rappers, no campo cultural, a legitimidade de se posicionarem como porta-vozes/representantes marginalizados sociais, especialmente dos situados em bairros de periferia. Por vezes, ações conjuntas entre representantes das duas manifestações, como intervenções de escritores em shows de rap, a publicação de textos de letristas de rap ou eventos que intercalam ambos os assuntos ou artistas(rappers e escritores), aproximam ainda mais a literatura marginal dos escritores de periferia do movimento hip hop. (NASCIMENTO, 2009 p.96)

Portanto, a partir dos contatos com o "universo hip hop" fiquei instigada a conhecer esse forte movimento literário presente nas periferias da cidade. Inicialmente acreditamos que a reflexão acerca da produção literária destes jovens é importante, pois acreditamos que as expressões artísticas não são dissociadas das dinâmicas sociais. Pelo contrário a condição de vida, classe social, o espaço onde o indivíduo vive são elementos importantes que influenciam as expressões culturais. Segundo Durham(2004) apesar de vivermos em uma sociedade heterogênea que reproduz os modos de produção existentes, a sociedade apresenta particularidades que variam a partir das "diferenças históricas e estruturais existentes". Sendo assim, observar a produção cultural de uma região específica nos permite também olhar para as dinâmicas que diferenciam aquele espaço de outro e quais elementos são constitutivos de sua identidade.

Analisar as formas de socialização e constituição do espaço urbano, principalmente das periferias passou a ser um exercício importante. O processo de identificação dos moradores e dos demais cidadãos com o espaço físico tornando-o um lugar específico dentro dos grandes centros urbanos, com uma identidade e formas de socialização é marcador identitário importante para o desenvolvimento das expressões culturais. Ser da periferia, falar dela são elementos importantes tanto no hip hop(expressão cultural bastante presente na periferia e que se firmou antes da *Literatura Marginal*) quanto na constituição dos saraus e dos escritos que são sempre muito vinculados à localidade e a questão de pertencimento a este espaço.

Apesar da localidade dos saraus ser importante é necessário ressaltar que existem outros elementos e símbolos que caracterizam uma expressão cultural como advinda dos moradores das periferias ou não. Isso se dá por que algumas vezes ser de periferia não se restringe somente à localidade e pode ser ressignificado relacionando-o com as condições de vida do indivíduo. Sendo assim existem saraus que estão presentes no centro de São Paulo como o Suburbano Convicto e o sarau do Ocupa, mas que também são considerados como Literatura Marginal por trazerem consigo poetas que vieram destas regiões e uma série de símbolos como a ligação com o movimento hip hop que os identificam com a periferia.

² Alessandro Buzo é escritor, ativista cultural e apresentador de televisão. Funcionário da Rede Globo de televisão ele apresenta um quadro no jornal local aonde divulga a cultura da periferia.

³ Programa de variedades da Rede Globo de televisão que discute questões diversas e em um dia foi ao ar divulgando a cultura hip hop.

SILVA(1997) em sua tese de doutorado já chama a atenção para os meandros e a importância da categoria periferia para expressões culturais identificadas com a periferia e a juventude inserida no contexto dos grandes centros urbanos.

Desde então, o termo periferia tem permanecido central em todo o discurso rapper. Trata-se de uma categoria abrangente que possui praticamente o mesmo status identitário que “preto”, mas através dela traduz-se um conjunto mais amplo de problemas relacionados à juventude no espaço urbano. A periferia não aparece apenas como uma referência geográfica. Pertencer à “periferia” nessa instância é ser jovem pobre, preto, branco ou pardo, ou seja, socialmente excluído. A periferia aparece, como uma forma de se representar a experiência vivida pela juventude. Do ponto de vista antropológico pode-se afirmar que se trata de uma categoria nativa através da qual os jovens se auto-referenciam e estabelecem através de sinais diacríticos a diferença em relação aos “outros”.ma hipótese é que em uma sociedade historicamente miscigenada o termo “periferia” esteja indicando que, a despeito das diferenças de tonalidades na cor da pele, os afrodescendentes vivem uma experiência comum de exclusão. Se a multiplicidade de termos relativos à cor da pele não permite expressar aquilo que é comum, o termo periferia (referência geográfica) é re-significado como periferia, categoria nativa na qual os indivíduos se reconhecem(SILVA, **** p. 129)

Como olhar para a produção cultural por intermédio da literatura e dos saraus da periferia da cidade de São Paulo se constitui um exercício antropológico muito grande. E tendo em vista que atualmente existem diversos saraus em todas as regiões da cidade, optei de forma metodológica por realizar um recorte regional dando ênfase aos movimentos culturais/ literários existentes na Zona Leste da Grande São Paulo.

A escolha dessa região não se deu por acaso. O lado leste da cidade tem um importante histórico de movimentos sociais que buscaram melhorias para a região que sofria com a falta de infraestrutura(CALDEIRA, 1984). Se na década de 1970 e 1980 as Ciências Sociais dedicaram boa parte dos seus estudos para analisar tais movimentos sociais a partir dos anos 1990 as análises com um viés voltado para questões culturais começaram a tomar destaque. Entretanto, estudos voltados para a produção cultural na Zona Leste se apresentaram de forma mais escassa.

Se na produção acadêmica os estudos específicos para a região não eram volumosos, o surgimento de expressões culturais cresceram a cada ano. Atualmente o número de saraus literários, autores e coletivos culturais existentes nesta região vem se expandindo. Podemos perceber que há uma movimentação social para que a região tenha seus artistas mais valorizados e que os espaços de produção e disseminação da cultura também esteja relacionados com a população e o desenvolvimento dos bairros em si.

Optamos também por realizar a etnografia de um sarau, mais especificamente, o Sarau dos Mesquiteiros. Buscar olhar mais de perto a dinâmica dos saraus se justifica pois estes espaços estão no centro da Literatura Periférica. Não podemos considerar a literatura somente como os escritos, e sim como um conjunto de ações. Muitos autores se lançaram nesses saraus ou até mesmo organizam os mesmos em seus respectivos bairros configurando um circuito literário que estamos pesquisando. Outra característica importante dos saraus é o intercâmbio que ele propicia com as outras manifestações artísticas existentes na periferia.

Para além desse aspecto é importante ressaltar que os mesquiteiros também tem uma especificidade importante: a Educação. Organizado por uma professor, ativista e escritor periférico, o

coletivo desenvolve suas ações dentro de uma Escola Pública o que agrega a ele características identitárias importantes e uma forma de socialização com o entorno diferenciada em relação aos saraus que são realizados em bares da cidade, por exemplo.

LITERATURA MARGINAL: UM HISTÓRICO

O movimento literário nas periferias surgiu no início dos anos 2000 com a visibilidade do escritor Ferréz e do Livro *Capão Pecado*. Foi também através deste autor em parceria com a revista *Caros Amigos* que outros autores da região puderam ter espaço para divulgar seus escritos através de três edições especiais da revista.

A escolha dos autores que publicariam na revista ficou a cargo de Ferréz e uma das prioridades na escolha eram textos que tinham como temática principal as vivências cotidianas nas regiões periféricas da cidade. Os contos publicados falavam de pobreza, desemprego, experiências com o crime, discriminação racial e denúncias acerca da situação de exclusão social que a população periférica é vítima.

Foi refletindo sobre um processo de marginalização dos moradores da periferia que inspirou Ferréz a designar o tipo de literatura identificada com a periferia como *Literatura Marginal*⁴(NASCIMENTO, 2009). Quando o escritor Ferréz pensou no termo *Literatura Marginal* o sentido da palavra “marginal” foi fundamental, porque segundo ele os estilos literários existentes no Brasil e no mundo não se encaixam nos textos que escrevia. A utilização deste conceito surgiu como uma forma de relacionar sua escrita com a sua condição social de morador de periferia, estudante de escolas públicas que são presentes em seus livros:

Quando eu lancei o livro *Capão Pecado* me perguntava de qual movimento eu era, se eu era do modernismo, de vanguarda... e eu não era nada, só era do hip hop. Nessa época eu fui conhecendo reportagens sobre o João Antônio e o Plínio Marcos e conheci o termo Marginal. Eu pensei que era adequado ao que eu fazia porque eu era da literatura que fica à margem do rio e sempre me chamaram de Marginal. Os outros escritores pra mim eram boyzinhos e eu passei a falar que era *Literatura Marginal*. (FERRÉZ apud NASCIMENTO, 2009)

É importante ressaltar que tal expressão já foi utilizada para classificar outras expressões literárias na década de 1960 e 1970. Além também designar a produção de autores que nem sempre carregam a periferia e as questões envolvendo a categoria como principal mote dos seus escritos. O termo "marginal" já foi utilizada para classificar textos que circulavam de forma clandestina à época da Ditadura Militar, para classificar escritos que eram produzidos fora dos circuitos oficiais de edição e também para classificar um estilo de escrita mais boêmio e obscuro relacionado com o pessimismo que atingiu os jovens nos anos 1970.(HOLLANDA, 2004)

Segundo Antônio Candido(2006) em seu livro *Literatura e Sociedade* uma parte importante no processo de criação na literatura é a motivação que o autor encontra para dar vida a determinada obra, sendo assim, a sua vida em sociedade apresenta-se como um fator de influência podendo aparecer com

⁴ Apesar de Ferréz usar tal denominação para classificar escritos que falavam sobre periferia existem autores que escrevem sobre o assunto, entretanto, não classificam suas obras como sendo *Literatura Marginal* e sim apenas *Literatura*. Um deles é Paulo Lins que mesmo estando presentes em uma das edições da revista *Caros Amigos* não reconhece sua obra como sendo *Literatura Marginal*. A justificativa do autor para a presença de seus textos na edição especial do periódico foi que quando convidado por Ferréz este não especificou que seria uma edição específica sobre *Literatura Marginal*.

maior ou menor intensidade. É esse fator de influência que buscamos apontar através da análise do coletivo artístico e literário que se estabelece na Zona Leste da cidade.

(...) Forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor. Em primeiro lugar determinando a ocasião da obra a ser produzida; em segundo julgando da necessidade dela ser produzida; em terceiro, se vai ou não se tornar um bem coletivo. (CANDIDO, 2006 p. 34)

Portanto acreditamos que para compreender as condições sociais que influenciam esses autores investigar o contexto social e urbano em que os coletivos se estabelecem e com os quais eles se identificam é importante. Saber como a periferia se configurou em São Paulo também é uma forma de olhar como as sociabilidades que foram estabelecidas entre os atores sociais. Sendo assim, voltar o olhar para as formas como a Zona Leste de São Paulo se configurou tornou-se um dos aspectos fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo. As relações entre o artista e o grupo se pautam por esta circunstância e podem ser esquematizadas do seguinte modo: em primeiro lugar há a necessidade de um agente individual que tome a si a tarefa de criar ou apresentar a obra; em segundo lugar, ele é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado por esta circunstância; em terceiro lugar ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas. (CANDIDO, 2000 P. 34)

ZONA LESTE DE SÃO PAULO: CONTEXTUALIZAÇÕES.

Para compreender como se configura a Zona Leste da cidade realizaremos um recorte temporal a partir da década de 90. Entretanto, antes de apresentar questões mais contemporâneas é importante destacar alguns aspectos históricos fundamentais para melhor entendimento da constituição das periferias da cidade de uma maneira geral.

O processo de industrialização de São Paulo gerou diversas transformações sociais e urbanas na cidade. O vertiginoso crescimento populacional com a chegada de mão de obra trabalhadora também refletiu na reconfiguração habitacional da cidade. Se em 1810 a cidade alcançava o número de 20.000 habitantes em 1930 a cidade já atingia a marca de um milhão de moradores. (SANTOS, s/d).

Tal crescimento saturou as moradias disponíveis e elevou consideravelmente o preço dos aluguéis no centro da cidade, onde a maioria das indústrias estavam localizadas. Isso fez com que a população trabalhadora fosse obrigada a viver em cortiços em condições precárias de higiene e saúde. O que era uma saída para os trabalhadores acabou se tornando uma questão pública para o governo e para a elite que via nesses espaços problemas iminentes de saúde pública. Segundo Santos(s/d) os cortiços eram definidos como:

quartos encarreirados cobertos de meia-água, com pé-direito variando de 10 a 12 palmos (2.20m a 2.64 m) e cuja frente não dava para a via pública- (Atas da Câmara Municipal de São Paulo, 1881. p.77 apud SANTOS,).

Com diversas políticas públicas que visavam banir a existência dos cortiços da região central os operários ficaram sem opção barata para viver na região. Os empresários temendo perder mão de obra construíram Vilas Operárias, entretanto, o alto aluguel somadas a baixa remuneração dos trabalhadores fizeram com que somente trabalhadores mais especializados pudessem se estabelecer nesses espaços.(CALDEIRA, 1984). Foi desta maneira que os trabalhadores foram forçados a viver em regiões mais afastadas do centro que em função da baixa infra estrutura contavam com um custo de vida mais baixo, portanto mais viável.

A presença de trabalhadores, a infra estrutura precária como falta de saneamento básico, meios de transportes ruins, ausências de postos de saúde e até mesmo o baixo número de escolas sempre marcaram tais regiões. Para além disso, a distância da região central estigmatizou os seus moradores que por vezes perdiam vagas de emprego por morar em locais de difícil acesso. Muitos estudos da década de 1980 apontam para uma polarização entre centro e periferia(KOWARICK, CALDEIRA)

Tereza Pires do Rio Caldeira, em suas pesquisas mais recentes nos fornece dados importantes para entender como a periferia em contextos mais atuais. Para a pesquisadora a polaridade centro e periferia verificada anteriormente foi dando lugar, a partir da década de 90, a um novo “*Padrão de Segregação espacial baseado na criação de enclaves fortificados e uso intensivo de sistema de segurança*” (CALDEIRA, 2011 P. 301).

Com a saturação espacial dos centros a classe média começou a migrar para espaços mais afastados nas regiões periféricas ou próximos a eles. A fim de “se proteger” daquilo que acreditam ser violento(moradores de periferia) criaram uma série de enclaves. Tais enclaves compostos por muros, sistemas de segurança, grandes condomínios fechados, shoppings colaboraram para a geração de regiões marginalizadas dentro da cidade onde se concentram a população mais pobre composta normalmente por migrantes nordestinos ou filhos de migrantes e negros.

O surgimento da Zona Leste não diferiu das características descritas acima. A região também foi inicialmente ocupada por operários e migrantes que chegam à cidade para trabalhar como mão de obra das indústrias. A partir da década de 90 muitos bairros da Zona Leste tiveram seus espaços mais valorizados. Tais bairros tem como característica serem trajetos que cortam a linha vermelho do metrô da cidade. Se bairros como Tatuapé e Mooca viram um crescimento no surgimento de condomínios e shoppings, os bairros mais próximos da fronteira da cidade ainda se encontram em condições sociais mais precárias em relação aos acima citados.

As expressões culturais presentes em tais localidades sempre tiveram como característica um preocupação com a condição social dos moradores funcionando como uma forma de expressão e resistência diante de situações marcadas pela desigualdade social. Por este motivo julgamos que esta literatura se constitui como um importante objeto de análise, pois é uma voz interna, nativa de como os moradores lançam seus olhares para o local onde vivem e problematizam as questões sociais que os envolvem e seu relacionamento com o espaço urbano onde estão inseridos.

Para, Sérgio Vaz⁵, a importância de ser da periferia para poder falar dela consiste na identificação que o leitor terá com as situações narradas. Isso porque falta aos autores de fora a experiência vivida a Literatura Marginal se configura como sendo da periferia para a periferia, ou seja, a voz de quem vivenciou aquilo e que por este motivo tem o aval para falar das especificidades de quem mora na periferia.

Na literatura periférica, a primeira coisa que eu acho bacana é o pertencimento. Existe a literatura grega que é feita pelos gregos, a literatura romana que é feita pelos romanos, e existe a literatura periférica que é feita pelas pessoas que moram na periferia. E

⁵ Sérgio Vaz é poeta, fundador da Cooperifa e um dos principais nomes da Literatura Marginal na atualidade.

quando eu falo em formação do público, o primeiro livro que muita gente que mora na periferia vai ler será justamente esse livro que eu estou escrevendo ou o que outro cara da periferia escreveu. Então é uma transformação impactante na vida da pessoa porque não é o governo que está fazendo a pessoa ler, mas é uma pessoa do bairro dele, que está levando o livro na casa dele. E às vezes pode ser a entrada para a leitura de outros livros, dos grandes clássicos. Há uma importância grande nisso (Sérgio Vaz, 2011 em entrevista ao jornal Brasil de Fato disponível em: < <http://www.brasildefato.com.br/node/7186>>)

Sendo assim, podemos identificar que para a *Literatura Marginal/ Periférica* trabalhar com uma identidade unificada da periferia é uma estratégia política importante. Mesmo que tal visão não seja comungada por muitos dos moradores. Para estes cada bairro possui suas especificidades em um exercício de tornar o seu bairro único em relação aos outros.

Entretanto para os movimentos culturais/ sociais de periferia a cultivação desta identidade uma é estratégica e necessária manter uma distância da classe média ou daqueles que vivem dentro dos chamados enclaves fortificados geradores de segregação não somente espacial, mas social na cidade podendo assim, reivindicar melhorias e destacar os problemas e dificuldades dos que vivem na periferia.(CALDEIRA, ****)

“PRA ONDE EU VOU? VOU PRO SARAU!” – O SARAU DOS MESQUITEIROS

Dentro das minhas investigações pretendo fazer etnografia de um sarau e por este motivo julguei ser importante trazer para o paper algumas de suas características que já pude levantar durante o campo. O Sarau dos Mesquiteiros que é localizado no bairro de Ermelino Matarazzo extremo leste da cidade de São Paulo. O responsável pelo sarau é o professor, escritor e ativista cultural Rodrigo Círiaco. Há 3 anos ele coordena a atividade na EE jornalista Francisco de Mesquita. O coordenador do sarau é autor de 2 livros e participa de uma coletânea que foi organizada por ele e trás também poetas e autores ligados ao coletivo “ Os Mesquiteiros”.

A ligação de Rodrigo com o ambiente escolar ultrapassa àquela profissional ou as experiências narradas nos seus livros⁶ o sarau também é realizado dentro de uma escola(EE Jornalista Francisco de Mesquita). Foi o nome que batiza a instituição escolar que deu inspiração ao nome do sarau que faz um trocadilho com os três mosqueteiros. A presença no sarau é bastante marcada por adolescentes e crianças aparentemente alunos da escola. Há também a presença de funcionários que aparecem para prestigiar.

O sarau ocorre no último sábado do mês na escola e agora também no 2º sábado na Biblioteca Municipal Rubens Borba de Moraes também em Ermelino Matarazzo. A realização do evento na biblioteca faz parte de uma parceria que a prefeitura de São Paulo vem firmando com os saraus da periferia para que estes utilizem os espaços com o objetivo de desenvolver suas atividades artísticas/ literárias. O projeto chamado “*Literatura Periférica: Veia e ventania nas Bibliotecas de São Paulo*” tem mote principal trazer o público de volta a esses espaços o leitor que vem se tornando cada vez mais escasso, principalmente, após o advento da Internet.

O sarau inicia às 17:00h normalmente com um vídeo, um bate papo, uma roda de capoeira. Tais atividades iniciais contam com um público menor e servem também para preencher o tempo enquanto o público vai chegando. Às 18:00 antes do início das atividades propriamente literária Os Mesquiteiros

⁶ O primeiro livro de Rodrigo Círiaco se chama “Te Pego Lá Fora”.

fazem um cortejo pelas ruas do bairro batendo tambores e cantando o verso “ *Pra onde eu vou? Vou pro sarau!*” em ritmo de funk.

O objetivo de tal cortejo é divulgar a atividade que está para começar na escola da região. Além da música os adolescentes pertencentes ao coletivo entregam folhetos que contém informações como horário e local do evento. A importância do cortejo relaciona-se muito com a identificação do mesmo com o bairro e a população que habita este local. Para a manutenção dos saraus a apropriação e o reconhecimento da população é um elemento importante.

Após o cortejo as pessoas se instalam em suas cadeiras e Rodrigo Ciríaco inicia a atividade no pátio da escola. Primeiro ele se dirige ao microfone e explica o que é o sarau, como surgiu, qual a agenda do coletivo e as atividades que eles desenvolvem: oficinas, concursos literários entre outras. É também nesse momento que o coordenador do projeto explica a estrutura física do sarau. Isso porque o pátio da escola é organizado de maneira a prestar alguns serviços aos presentes. Além de uma mesa com lanches e bebidas não alcoólicas gratuitas há também mesa para pintura (voltada para crianças) e mesa onde são comercializados camisetas do grupo e livros.

Concomitante com a fala de Ciríaco, uma pessoa do grupo passa pela platéia anotando o nome daqueles que tem interesse em se apresentar. Enquanto isso acontece e antes de começar as atividades todos os Mesquiteiros se reúnem no palco para pronunciar o grito de guerra do grupo: “ Quem nós somos? Mesquiteiros! Quem nós somos? Mesquiteiros! Um por todos e todos por um!”.

Depois desta abertura inicial, as pessoas vão sendo chamadas ao palco para lerem e recitarem seus poemas, crônicas, poesias e contos. Além das obras literárias há também outras apresentações artísticas como música popular, rap, cenas teatrais e alunas que dançam sucessos do funk que são muito populares entre os adolescentes.

O conteúdo dos textos presentes no sarau variam. A presença de falas que denunciam as questões precárias da periferia estão sempre presentes. Mas confirmando a hipótese que muitos dos escritos tem relação com o cotidiano a rotina escolar e questões envolvendo relacionamentos amorosos estão presentes, principalmente, na fala dos adolescentes. Dois textos são bastante ovacionados quando recitados. Um deles é “ Vamos pra Palmares” de Dugheto Shabazz e o outro é “ Biqueira Literária” de Rodrigo Ciríaco:

Vendo pó
 Vendo pó...
 Vendo pó...esia
 E querem nos deixar apenas no
 Cheiro pó
 Cheiro pó...
 Cheiro pó...eira
 Que besteira
 Nem me venha comasneira
 Meu produto é de primeira
 Ninguém vai fechar
 Meu bico
 Nem minha biqueira
 Vendo pó
 Vendo pó...Vendo pó...esia!⁷

⁷ Trecho do poema Biqueira Literária de Rodrigo Ciríaco.

Uma das características do sarau na escola e não em bares(como a maioria dos saraus periféricos são) é que ele conta com uma presença grande de adolescentes e a movimentação na escola é grande enquanto o evento ocorre. Como uma escola aberta aos sábados para a população não é o usual muitos entram por curiosidade, outros para acompanhar e ainda há aqueles que aproveitam o espaço para paquerar e se divertir. Sendo assim, a escola se torna uma alternativa de lazer aos sábados em um bairro em que as alternativas para divertimento e reunião de jovens é escasso.

Às 20 horas em ponto o sarau precisa acabar. Esse é o horário estipulado pela direção da escola para que as atividades sejam encerradas. Os Mesquiteiros tem uma parceria com o grupo Mundo em Foco que normalmente registra fotografias de todos os saraus. Normalmente é assim que eles são encerrados com uma fotografia para registrar o momento e eternizar os que estiveram presentes nas atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender as expressões culturais de um determinado grupo é uma importante estratégia para entender como aquele grupo se organiza e constitui sua própria Identidade. Sendo assim, o perfil sociológico dos autores de Literatura Marginal e os seus relatos através de narrativas, contos e poesias são ricos registros para sabermos como a juventude da periferia se enxerga e elabora suas vivências, o seu cotidiano em regiões que são marcadas e vistas por quem está de fora como locais de produção de violência urbana, de desemprego, pobreza.

É importante destacar que a juventude nascida nesses lugares não desfrutam de ambientes de lazer, bibliotecas ou centros culturais para que possam se divertir e apropriar de expressões artísticas e culturais. Férrez em entrevista ao programa Provocações⁸ relata como ele teve dificuldades para ter acesso aos livros e às bibliotecas que existiam na cidade, pois para chegar até elas era necessário o uso de transportes públicos o que encarecia o acesso. Isso fez com que o autor visse nos sebos uma alternativa mais barata do que as bibliotecas.

A presença de eventos culturais, literários, dentro da periferia para os seus moradores permite que eles tenham acesso a bens culturais que anteriormente eram vistos e imaginados como sendo pertencentes somente à classe média para além desta característica a presença de textos circulando em blogs e nas redes sociais também se apresentam como um facilitador para que a população mais pobre não somente tenham acesso, mas também possam se identificar com os escritos que a Literatura Marginal.

As narrativas sobre a vida no bairro, a relação com os amigos, o lazer improvisado, relações amorosas, a vida em um ambiente taxado por ser violento, distante dos grandes centros urbanos, o desemprego são todas temáticas que permitem ao leitor não somente o reconhecimento de si mesmo como também o compartilhamento de vivências e a ligação com outras periferias que estão distantes geograficamente, mas que se aproximam dentro de um contexto social em que a falta de oportunidades, da presença de órgãos do governo que possibilitem uma melhoria na qualidade de vida dos jovens é flagrante e afetam diretamente suas experiências e vivências.

Ao pensar na Identidade como uma construção que se dá através do contato entre os indivíduos, relacional, podemos afirmar que os símbolos de uma periferia unificada exaltados nos saraus através de sua militância tanto social quanto cultural e também construídos nos símbolos e nas histórias dos livros contribuem para a existência de uma imagem que nos revele a sua expressão identitária não somente para os seus moradores como também para os olhares externos à periferia.

Para finalizar acreditamos que historicamente a literatura foi um registro importante para os pioneiros das Ciências Sociais no Brasil. Roger Bastide (1973) e Fernandes (1961), estudaram a

⁸ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=KQ1Hk3sd9w0>

literatura negra para compreender a forma como os afro-descendentes se inseriam de forma desigual na metrópole. Os estudos sobre Carolina Maria de Jesus desenvolvidos por Bom Meihy (1994) e Silva (2008), revelaram que a autora conseguiu apresentar o ponto de vista migrantes pobres excluídos da vida urbana nos anos 50 e 60. A literatura considerada menor é, portanto, boa para compreender a forma como os excluídos pensam e atuam no mundo (Darnton, 1986). Silva (2008) destaca, por exemplo, diferentes registros da vida urbana no livro *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus, por isso alguns jovens a vêem como pioneira do gênero:

Embora a autora tenha se ocupado nos romances, poemas e peças teatrais de episódios situados no âmbito da vida pessoal e familiar, reportava-se com frequência a questões que diziam respeito às camadas populares. Nas páginas de sua principal obra, “Quarto de Despejo”, encontramos relatos sobre a expulsão dos pobres das regiões centrais, sobre a precariedade dos transportes coletivos, as péssimas condições de moradia em cortiços e favelas (SILVA, 2008, p. 329)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BASTIDE, Roger. *A poesia afro-brasileira*. São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidades de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Editora 34, 2004
- _____. *O Rap e a Cidade: reconfigurando a desigualdade em São Paulo*, In KOWARICK, Lúcio e MARQUES, Eduardo(orgs) São Paulo Novos Percursos e Atores, Editora 34. São Paulo, 2011
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 11ª ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010
- DANTON, Robert. *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro, Graal, 1986
- DURHAM, Eunice. *A dinâmica da cultura*, São Paulo, Cosac Naify 2004.
- ENGELS, Friedrich; Marx, Karl. *Cultura, Arte e Literatura: textos escolhidos*. São Paulo, 2010.
- FERNANDES, Florestan. “A poesia afro-brasileira”. *Revista Brasiliense* (36): 45-56, jul-ago,1961.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de Viagem - CPC, vanguarda e desbunde 1960/70*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.
- MORAES, Dênis de. *Notas sobre o imaginário social e hegemonia cultural*. Gramsci e o Brasil, 2002. Disponível em <http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv44.htm>.
- NASCIMENTO, Erica Peçanha do. *Vozes Marginais na Literatura*. Aeroplano, Rio de Janeiro, 2009.
- SILVA, José Carlos Gomes da. *Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e segregação urbana*. Tese de doutorado. IFHC, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- _____. *História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus*. In SEIXAS, Jacy & CERASOLI, Josiane (org). *UFU 30 Anos. Tropeçando Universos*. Uberlândia, EDUFU, 2008.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999